

Vazamento em barragem preocupa moradores

Comunidade da Lomba do Sabão alega não ter para onde ir



THAYNÁ WEISSBACH/JC

Com alta do nível da barragem, Defesa Civil e Dmae sugeriram que moradores deixassem o loteamento

/ CLIMA

Gabriel Dias

gabriel.dias@jcrs.com.br

O extravasamento de uma barragem na Lomba do Sabão, no limite entre Porto Alegre e Vião, no domingo, dia 12 de maio, causou preocupação entre moradores da Capital e do município da Região Metropolitana.

O alerta emitido pelo Departamento Municipal de Água e Esgotos (Dmae) orientou moradores a deixarem o local. A Defesa Civil reiterou a orientação para que o grupo saísse da área, entretanto, nenhum morador deixou o entorno da barragem, apesar do risco de inundações. O grupo alega não ter para onde ir.

A reportagem esteve no local na última quinta-feira e observou que as residências do entorno, na parte de Porto Alegre, apresentam rachaduras e paredes quebradas. O loteamento fica entre os bairros Agronomia e Lomba do Pinheiro.

A situação da barragem e os riscos são tema de conversas dos moradores. O loteamento na Lomba do Sabão sofreu quatro enchentes nos últimos oito anos, como relata o morador Luís Henrique Rodrigues, que mora no local desde 2016.

“Passamos por vários alagamentos, aprendemos como são as coisas. Controlamos o risco pela altura do Arroio Dilúvio (que nasce junto à barragem e deságua no

Guaíba). Quando ele está no nível da rua, pegamos tudo que podemos e protegemos dentro de casa. É sempre um clima de tensão, mas eu não tenho para onde ir”, relata.

As fortes chuvas das últimas semanas preocuparam ainda mais os moradores. Embora não tenham sofrido com inundações, como bairros próximos à orla do Guaíba, o momento é de alerta. Diversas pessoas cogitam sair da região, mas a dificuldade é encontrar outro lugar para morar.

“Tenho medo da barragem, mas não tenho o que fazer. Essa é a minha casa, o único lugar que tenho para morar. Ninguém quer comprar um terreno que sempre alaga. Vou ter que conviver com a condição que eu tenho, no local que eu tenho”, lamenta Rodrigues.

Líder da comunidade da Lomba do Sabão, Marcelo Bicca trabalha para que as pessoas da sua região fiquem em segurança, mas sabe das dificuldades de convencer a saírem de suas casas. “Os moradores vivem com medo, mas tem um sentimento de pertencimento muito grande. Muitos não querem ir embora. Ficamos alertas pra poder fazer uma possível evacuação. É um medo que ronda a gente”, confirma Bicca.

O mestre em Recursos Hídricos Arthur Tschiedel, professor de Engenharia Civil da Faculdade Dom Bosco, fez o estudo Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da Ufrgs, de 2017, que aponta riscos de rompimento da barragem

Lomba do Sabão. Embora o Dmae desconsidere que exista risco de rompimento imediato, Tschiedel reitera que os estudos que levam em consideração essa possibilidade apontam que os riscos são grandes. “É uma questão probabilística. Uma barragem pode ser segura, mas tem que ter planos em caso de rompimento”, sustenta.

Apesar da recomendação técnica, os moradores relatam que não há planos de evacuação estabelecidos pela prefeitura. Contudo, não acataram a orientação do poder público de deixar o local.

Doutora em Psicologia Social e Institucional, Carmem Giongo atua na Feevale e é autora do livro Barragens, injustiça e sofrimento social no Brasil. Ela aponta que a situação é particularmente delicada pelos riscos de desmoronamento na barragem. “Sempre que uma barragem é construída, todo o terreno da região é prejudicado”, observa. Carmen alerta que as casas estão em um solo que pode desmoronar a qualquer momento, por conta da irregularidade dos terrenos e da força das águas.

A reportagem fez novo contato com o Dmae após ouvir os especialistas sobre os riscos na barragem. De acordo com a assessoria de imprensa do Departamento Municipal de Água e Esgotos, o tema não será tratado no momento, já que a prioridade é o restabelecimento dos serviços de água e a drenagem de áreas inundadas pela enchente em Porto Alegre.

Enchentes podem agravar problemas de saúde mental dos gaúchos

Luciane Medeiros

luciane.medeiros@jornaldocomercio.com.br

As fortes chuvas e enchentes que atingem o Estado desde o início do mês, causando mortes e destruição, deixaram milhares de gaúchos desabrigados. Muitas pessoas perderam tudo, o que dificulta a retomada da vida após as águas baixarem. Essas questões colocam em risco a saúde mental da população e podem desencadear transtornos psicológicos e psiquiátricos.

Sentimentos como medo, hipervigilância, insônia, angústia e tristeza são comuns em situações como a tragédia climática no Estado, mas é preciso estar atento para que não evoluam para o desenvolvimento de doenças. “Estamos numa situação gravíssima. É normal que a população tenha esses sentimentos”, avalia a coordenadora da Câmara Técnica de Psiquiatria do Cremers, Silzá Tramontina.

A psiquiatra explica que o estresse pós-traumático surge em até dois meses após o evento desencadeador. Ela projeta uma alta na procura por atendimentos terapêuticos psicológicos nos próximos meses. “No pós-pandemia, tivemos um crescimento de 25% de depressão e ansiedade no Rio Grande do Sul. Se pressupõe que agora terá um aumento maior e temos que estar preparados para atender toda essa população”, destaca Silzá.

Além do Cremers, entidades como a Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul e o Conselho Regional de Psicologia RS estão engajados para amparar as vítimas. O Ministério da Saúde, a Secretaria Estadual da Saúde (SES) e as prefeituras também desenvolvem ações voltadas à saúde mental neste momento.

Em Porto Alegre, a Secretaria Municipal da Saúde (SMS) mobilizou psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e terapeutas ocupa-

cionais para visitarem os abrigos e conversarem com as vítimas. Abrigos maiores contam com equipe de saúde mental fixa atuando junto com os demais profissionais.

“O nosso trabalho está focado na escuta individual e também em grupos específicos. Está centrado agora nos primeiros cuidados psicológicos, até para evitar que mais adiante as pessoas realmente venham a ter uma doença, uma depressão mais grave”, pontua Marta Fradique, psicóloga e coordenadora da área na SMS.

Buscar meios para que as pessoas recuperem um pouco do protagonismo em suas vidas contribui para a saúde mental neste momento, o que pode ser feito com tarefas simples, como ajudar a preparar uma comida ou a organizar o espaço. Além disso, as equipes da SMS desenvolvem atividades nos abrigos para promover uma “sensação de normalidade”.

Mesmo quem não teve perdas materiais ou de familiares é impactado pelo desastre climático. “Em Porto Alegre, devido às características da tragédia, não temos pessoas ‘não atingidas’. Voluntários, profissionais e até quem mora num bairro que tem água e luz está sendo atingido de alguma forma. Estamos todos juntos”, salienta Marta. Silzá, do Cremers, concorda e lembra que voluntários e socorristas também devem receber acompanhamento psicológico, assim como ocorreu com mutirões na pandemia da Covid-19.

A psiquiatra orienta a população para evitar a sobrecarga emocional, comum em períodos de catástrofes. “Evite ficar nas redes sociais onde tem muita fake news, já que isso aumenta a ansiedade, e busque informações em fontes oficiais. Quanto mais notícias ruins, a pessoa começa a entrar num processo de ansiedade e isso pode se transformar num transtorno”, aconselha.



CRISTINEROCHOL/PMPA/DIVULGAÇÃO/JC

Profissionais de saúde atuam em abrigos para atendimento à população